Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula Nº 138
21 de janeiro de 2012

[**versão provisória**]
Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Se Deus pode enganar o homem — Conteúdos reais e ideais da linguagem — Deficiência estrutural das criaturas — Verbalização da experiência como processo de cura — Resumo autobiográfico de uma trajetória intelectual — Filosofia analítica — Busca da própria voz — Missão do intelectual no Brasil — Dívida de gratidão com os mestres

Se Deus pode enganar o homem

Antes de tudo, darei uma satisfação a um aluno que enviou uma carta a respeito do trecho que lemos da *Meditação Quarta*, de Renée Descartes. Diz ele[1]:

> "O senhor impugnou a afirmação de Descartes, quando este diz que é impossível a Deus enganá-lo, pois isso testemunharia indubitavelmente fraqueza ou malícia. O senhor afirmou que isso estaria correto para o Deus cristão, mas não para o muçulmano, e que Deus poderia sim enganá-lo, não por fraqueza ou malícia, mas visando-lhe um bem, para salvá-lo, curá-lo de algo ou dar-lhe qualquer outro bem de qualquer espécie.
>
> A razão, contudo, parece estar com Descartes. Como o senhor sabe melhor do que eu, quando Santo Anselmo, pela prova ontológica demonstra a existência obrigatória do ser do qual não se pode pensar nada maior — pois se existisse somente no pensamento e não na realidade não seria o ser do qual não se pode

[1] Nota do Revisor: A leitura do texto enviado pelo aluno está truncada na gravação da aula. Algumas palavras escolhidas para o texto revisado são conjecturais, na tentativa de dar sentido ao texto enviado pelo aluno. Abaixo, segue a transcrição literal do texto lido pelo professor:
"(...) Que eu impugnei a Descartes a afirmação de que, quando ele diz que é impossível a Deus enganá-lo, pois isso testemunharia indubitavelmente fraqueza ou malícia, afirmando que estaria correto para o Deus cristão, mas não o muçulmano e que Deus poderia enganá-lo, não por fraqueza ou malícia, mas visando-lhe um bem, salvá-lo, curá-lo de algo ou dar qualquer outro bem de qualquer espécie.
A razão, contudo, parece estar com Descartes. Como o senhor sabe melhor do que eu, quando Santo Anselmo, pela prova ontológica, demonstra obrigatória do ser do qual não se pode pensar nada maior, pois se existisse somente no pensamento e não na realidade, não seria o ser do qual não se pode pensar nada maior, não o faz para um deus cristão, muçulmano ou de qualquer outra religião, mas por um único ser ou Deus possível.
Um muçulmano admitiria que um ser do qual não se pode pensar nada maior, que não fosse aquele ao qual ele chama de Alá, e que se não fosse o único deus existente. Não se pode conceber que um ser do qual não se pode pensar nada maior possa utilizar de fraude, embuste ou, como o senhor afirmou, enganar, ainda que visando um bem para o enganado, como sua salvação ou outro benefício qualquer."

> pensar nada maior —, não o faz para um deus cristão, muçulmano ou de qualquer outra religião, mas para um único ser ou Deus possível.
>
> Um muçulmano admitiria que um ser do qual não se pode pensar nada maior, que não fosse aquele ao qual ele chama de Alá, não existiria se não fosse o único deus existente. Não se pode conceber que um ser do qual não se pode pensar nada maior possa utilizar de fraude, embuste ou, como o senhor afirmou, enganar, ainda que visando um bem para o enganado, como sua salvação ou outro benefício qualquer."

Em primeiro lugar, a questão já está muitíssimo mal colocada na própria meditação de Descartes. Para haver uma relação de engano ou fraude, é necessário que os dois seres tenham mais ou menos o mesmo nível de poder. Entre Deus e o homem, como a diferença é absolutamente incomensurável, a relação de engano ou mesmo de sinceridade humana não é possível, mas simplesmente inviável. Não temos como colocar esse problema. Descartes está usando um mero artifício de retórica quando diz "Deus não poderia me enganar". Se pensarmos bem, essa frase não significa absolutamente nada, porque se o ser humano é imperfeito desde a origem graças ao pecado original, ele já está no engano e Deus sabe disso. Podemos dizer que Deus sempre faz tudo para que não nos enganemos? Não. Ele deixa a questão inteiramente na nossa mão. Se realmente somos dotados de livre arbítrio, Deus não vai interferir e, se nos enganarmos, Ele vai deixar acontecer.

Ora, quando Deus deixa o indivíduo se enganar, Ele o está enganando ou não? Certamente essa pergunta não tem resposta. É uma questão de falso enquadramento lógico. Deixar alguém se enganar não é a mesma coisa de enganar esse alguém, mas ao mesmo tempo não podemos dizer que uma coisa seja totalmente diferente da outra. Como entre Deus e o homem a relação é totalmente desproporcional, não vejo como colocar essa questão a não ser como figura de retórica. Quando no Corão se diz que Deus vai conspirar para enganar os maus, trata-se também de uma figura de retórica. Não consigo imaginar como um Ser infinitamente poderoso, que me criou e que tem em Si o fundamento da minha própria substância, poderia me enganar ou deixar de fazê-lo. A coisa não faz o menor sentido. Se minha própria inteligência e consciência provêm dEle, assim como minha fragilidade é permitida por Ele, então a expressão "engano" não faz sentido e não tem como se estabelecer.

Tente imaginar como seria para Deus enganar um ser humano. Deus infundiria propositalmente um erro na mente dele? Isso significaria que o indivíduo pensaria um erro sem culpa nenhuma de sua parte, totalmente inocente, não havendo em volta nenhuma fonte humana ou diabólica da qual viesse o erro. Mas não existe um erro assim, totalmente espontâneo. Se o erro viesse de Deus seria como dizer que vem de minha própria natureza, a qual está fundamentada diretamente em Deus. Existe ou não esse erro natural e estrutural no ser humano? Existe e chama-se pecado original. Pela própria existência do pecado original é difícil equacionarmos o que seria o engano específico que Deus colocaria em nossa mente, pois já estamos sujeitos ao engano em função do pecado original. Imagine que você está escrevendo um romance e coloca lá um personagem que se

engana. Foi você quem o enganou? A resposta é sim e não. Essa categoria não se aplica. Em relação a Deus, você está na mesma situação do personagem em relação ao autor da história. Percebemos que a relação de engano ou de mentira não é concebível aí, nem positiva nem negativamente. Não faz sentido afirmá-la nem negá-la.

Então, que Deus me engane ou não me engane é uma frase que podemos montar, mas não é uma sentença que possamos preencher de um conteúdo substantivo. Logo, só posso ver todo esse trecho de Descartes como uma figura de retórica, à qual não podemos atribuir nenhum sentido substantivo. Ela não corresponde a uma relação real que possamos sequer imaginar, isto é, não corresponde a nada de real e sequer a nada de ideal. Não é algo que possa ser pensável.

Conteúdos reais e ideais da linguagem

Não podemos esquecer que a linguagem humana permite que montemos muitas frases às quais pode não corresponder nenhum conteúdo real e nem sequer um conteúdo ideal. Por exemplo, há alguns dias estive escrevendo algo sobre o que é a ideia de sociedade justa. Há um tempo atrás uma revista teve a iniciativa de pedir a vários autores que definissem o que é uma sociedade justa. Se pararmos um pouco para pensar, veremos que é uma bela expressão. É uma expressão que tem até um certo valor afetivo, mas à qual não pode corresponder nenhum conteúdo real nem ideal, ou seja, não é um conceito pensável.

Primeiro, porque a justiça é uma virtude e a injustiça um vício. Virtudes e vícios só podem ser atribuídos a entes que tenham uma consciência individual e livre arbítrio. Podemos dizer que a sociedade tem livre arbítrio? Por acaso a sociedade é um “eu” pensante capaz de virtude ou vício? Não. O que chamamos de sociedade é a somatória de milhões de ações individuais e grupais que jamais constituem uma unidade no mesmo sentido em que a consciência individual humana constitui uma unidade. Logo, atribuir virtudes ou vícios à sociedade já é um problema.

O que seria uma sociedade virtuosa? Seria uma sociedade onde a maior parte das pessoas é virtuosa? Mas em qualquer sociedade humana a maioria é virtuosa, senão tratar-se-ia de uma sociedade de bandidos. Além disso, precisamos ver se os bandidos são malvados uns com os outros ou só com os seus inimigos ou vítimas — dentro de uma entidade mafiosa pode-se ter uma extrema lealdade e honestidade uns para com os outros —. Então, vemos que quanto mais tentamos dar substância ao conceito de sociedade justa, mais fracassamos. A expressão “sociedade justa” é um fetiche verbal.

Pior ainda é a ideia — que todos aceitam hoje — de que podemos transformar uma sociedade injusta em uma sociedade justa. Quando analisamos a questão, vemos que trata-se de um plano materialmente impossível de ser realizado. Se a sociedade é injusta, significa que é injusta em sua estrutura, em sua essência, e

não só por acidente. Podemos afirmar isso porque se concebermos idealmente a sociedade mais justa do mundo, será que não haveria ninguém injusto lá dentro? Isso seria impossível, a não ser que fosse uma sociedade de santos. E mesmo que assim fosse, podemos dizer que não existiriam conflitos entre santos? Naturalmente existiriam. Então, uma sociedade totalmente isenta de vícios é algo impensável. Mesmo uma sociedade definida como justa teria, por acidente, injustiça dentro de si. Quando se fala que a sociedade presente é injusta, será que está se falando que ela é injusta apenas por acidente? Não. Quando se fala que a sociedade é injusta, não se está dizendo que trata-se de uma sociedade essencialmente justa na qual existe alguma injustiça por acidente, [00:10] mas que trata-se de uma sociedade estruturalmente injusta. Caso contrário, não se falaria em modificar a sociedade desde uma estrutura injusta para uma estrutura justa, mas somente em saneá-la, em corrigir seus defeitos etc.

Se a injustiça é estrutural e, portanto, essencial, significa que a sociedade por si mesma não tem o dom de se corrigir e de se melhorar. Se ela tivesse essa capacidade, não poderia ser dita injusta estruturalmente, mas apenas acidentalmente. Essa é a diferença que existe, por exemplo, entre um ser humano essencialmente bom, mas que de vez em quando comete algum pecado ou até algum crime, e uma personalidade psicopática que comete os crimes em série. Esta não pode modificar-se a si mesma, não pode melhorar. Para que uma pessoa melhore, é necessário que nela a força do bem predomine sobre a força do mal. Se a injustiça está na estrutura da sociedade, então a sociedade por si mesma não pode se salvar e não pode melhorar. Logo, é necessária uma força que a modifique.

A força modificadora pode nascer dentro da própria sociedade, mas não pode ser inteiramente determinada por esta. Ao contrário, essa força precisa se sobrepor à sociedade. A força que vai modificar a estrutura da sociedade não pode ser escrava dessa mesma estrutura, mas tem de abranger a estrutura intelectualmente e ter os meios de ação que lhe permitam destruir a estrutura existente e criar outra. Então, é preciso haver um agente que tenha mais força do que o conjunto da sociedade ou, pelo menos, mais força do que o conjunto da sociedade consiga aglomerar num certo momento. E que tipo de força será essa? Será necessário ter a força do sistema judiciário, a força policial, a força militar e, para sustentar isso, a força econômica.

Isso significa que para se passar da sociedade injusta para a sociedade justa, será preciso durante algum tempo criar um desnível econômico e de poder ainda maior do que aquele que existe na sociedade injusta. Pode-se alegar que esse desnível de poder será provisório e que depois o poder será repartido para todo mundo. Mas quando se repartirá o poder? Quando a sociedade estiver justa. Mas acontece que a presença de um governante colocado a uma distância ainda maior dos governados do que aquela que existia antes é, ela mesma, uma injustiça. Dessa forma, tem-se um círculo vicioso que não termina nunca. É a famosa ideia da ditadura do proletariado que depois se dissolverá automaticamente. A devolução do poder não aconteceu e não pode acontecer, porque se a elite revolucionária que está modificando a sociedade entregar o

poder de volta, o processo revolucionário acaba e a sociedade volta a ser injusta. A não ser que já se tenha alcançado o estado de justiça perfeita, pois assim o poder pode ser entregue de volta. Mas acontece que o fato mesmo de a elite revolucionária ter o poder já torna a sociedade injusta.

Por isso eu digo que a ideia de sociedade justa e sobretudo de transformação de uma sociedade injusta em uma sociedade justa não só não corresponde a nenhuma realidade, mas não tem sequer significado ideal. Não é que a ideia não possa ser realizada: ela não pode ser pensada! Ela pode ser falada, porque podemos juntar quaisquer palavras. Se você fala, por exemplo, “dragão verde com bolinhas cor-de-rosa”, isso é algo pensável mas não realizável. Agora se você fala “quadrado redondo”, isso não é realizável nem pensável, é apenas dizível. Você pode dizer “eu não estou aqui”, mas para dizê-lo você tem de estar exatamente no lugar de onde o está dizendo. Isso não é pensável, mas apenas dizível.

A linguagem humana pode criar uma série infinita de combinações de palavras dizíveis, sendo que algumas podem não ser realizáveis e outras sequer pensáveis. No entanto, são justamente essas ideias impensáveis que, precisamente por serem impensáveis, exercem uma certa atração sobre a mente. Elas têm uma mágica, um mistério, um poder inerente à palavra, que é exatamente o poder somente da palavra. Quando as palavras designam realidades, ou pelo menos ideias pensáveis, não têm poder em si mesmas, sendo apenas um excipiente da substância ativa que é a realidade correspondente. Dessa forma as palavras passam e a ideia ou a realidade fica. Mas quando a palavra não corresponde nem à realidade e nem à idealidade, então a própria palavra assume o lugar das duas. Isso é a mesma coisa que dizer que quanto mais absurda é a ideia que está subentendida numa expressão, mais ela vai exercer um poder hipnótico sobre a mente. As palavras normais, usadas para significar coisas da realidade, são entidades humildes.

Por exemplo, nesse mesmo momento estou dizendo essas coisas para vocês. Vocês estão porventura prestando atenção nas minhas palavras? Não. Vocês estão tentando pensar as realidades às quais estou me referindo. Portanto, mesmo que a minha expressão seja imperfeita, vocês entenderão o que estou falando. Agora, se eu leio aqui um poema de Mallarmé, que vocês nunca saberão o que significa. O que acontece? A palavra ocupa o espaço por si mesma. Aquela estrutura verbal é um objeto por si mesma e vocês começam a prestar atenção nela. É exatamente esse o intuito do poeta. Quando uma expressão tem esse atrativo hipnótico, a ponto de se transformar num *slogan* e mobilizar multidões, é porque não significa nada, nem na realidade e nem sequer no pensamento. *Mutatis mutandis*, essa discussão sobre “se Deus pode me enganar” é assim. A situação de engano não é pensável. Não faz sentido dizer que “Deus não poderia me enganar” e nem dizer que “Deus poderia me enganar”.

Deficiência estrutural das criaturas

Descartes diz que podemos nos enganar porque temos em nós um certo coeficiente do nada. Eu não sou o Ser na sua totalidade. Mas se eu fosse o Ser na sua totalidade, eu seria o próprio Deus e não teria sentido Deus enganar-se a si mesmo. Então, por definição, eu tenho um certo coeficiente do nada. A minha forma de ser é deficiente. Mas ela é deficiente desde o pecado original ou já era deficiente antes do pecado original? Qualquer ser que não seja o próprio Deus é deficiente sob algum aspecto. Então, posso dizer que Deus me fez deficiente e estou sujeito ao engano por definição, por assim dizer. Se estou sujeito ao engano graças a uma deficiência estrutural que não posso vencer de maneira alguma, então não faz sentido dizer que Deus me enganou, mas também não faz sentido dizer que Deus não pode me enganar, porque eu já estou enganado estruturalmente desde o início.

Vemos na Bíblia que quando Deus cria Adão e Eva Ele não lhes dá todos os Seus poderes. Portanto, eles já estão limitados ontologicamente. Logo, a ideia de que "se o arquiteto for perfeito a obra será perfeita" é uma das coisas mais estúpidas que alguém pode pensar, e creio ser esse um dos problemas graves do negócio do *intelligent design*. Porque qualquer coisa que Deus produza não pode ser perfeito como Ele, senão Ele teria feito outro deus igual. Em toda criação existe o elemento de deficiência e, portanto, de absurdidade. Isso quer dizer que, no cosmos, onde você procurar um princípio de ordem e perfeição, você o encontrará, mas onde procurar um princípio de desordem, caos e imperfeição você também o encontrará. Você poderia dizer que a ordem predomina. Mas como saberemos? Só quando tivermos averiguado até o último indício de ordem e de desordem. Ou seja, quando conhecermos o cosmos na sua totalidade, poderemos somar todos os elementos de ordem, todos elementos de caos e dizer qual predomina. Como não podemos fazer isso em hipótese alguma, essa é uma questão insolúvel. Tudo o que podemos fazer é reconhecer que existem elementos de ordem e elementos de desordem.

Além disso, quando você fala de "cosmos", está se referindo ao cosmos da astronomia — da cosmologia moderna — ou ao cosmos tomado na sua totalidade abrangendo todos os níveis do ser, incluindo os mundos angélicos? De qual dos dois você está falando? O primeiro não pode ser um primor de perfeição e ordem, por sua própria definição. É no segundo que você vê Deus compensar nas esferas espirituais os elementos de caos e de desordem que existem necessariamente no cosmos físico. Quando se fala do Juízo Final e da salvação dos eleitos e condenação dos danados, o que Deus está fazendo ali? Ele está reconstruindo a ordem que foi perdida na esfera desta vida e deste mundo. Mas onde se dá o Juízo Final e onde será a vida eterna? Claro que Deus fala de uma ressurreição dos corpos e, portanto, de um retorno à terra, mas, e nesse ínterim, onde estão as almas dos eleitos? Pode-se dizer vagamente que estão no Céu. Com isso se quer dizer que as almas não estão num lugar **[00:20]** fisicamente identificável, mas estão, por assim dizer, no Espírito de Deus. Mas o Espírito de Deus faz parte do cosmos? Desde quando? Ele é transcendente ao cosmos. Então, isso quer dizer que só existe justiça e ordem perfeita na totalidade do existente, na totalidade do ser, isto é, no próprio mundo divino e não no cosmos.

Logo, o coeficiente de engano existe necessariamente neste mundo. Não posso dizer que o engano é totalmente responsabilidade minha. Já começam a me enganar quando sou criança, ensinando-me coisas falsas. O próprio Descartes disse que lhe ensinaram coisas falsas. O bebê tem condição de reagir quando lhe contam uma história da carochinha? Ele pode exercer a dúvida cartesiana em cima da história da carochinha? Ele não tem defesa. Então, quando você chega à idade madura de poder julgar as coisas, já traz consigo uma multidão de enganos sobre os quais você não tem responsabilidade nem culpa nenhuma. A culpa é da sociedade, da natureza, do cosmos. Então não faz sentido você acusar a Deus dessas coisas, porque Deus é transcendente ao cosmos e não há nada que esteja errado no cosmos que Ele não possa corrigir num nível superior. Mas se você olhar as coisas apenas dentro da esfera cósmica, vai ter de chegar à conclusão que os gnósticos têm razão: Deus fez alguma coisa errada aqui. Na própria natureza você vê deformidade, monstruosidade e uma crueldade sem fim. Se você olhar nessa esfera, é impossível não se revoltar contra Deus. E nesse sentido todos nós já passamos em algum momento pela experiência gnóstica.

Só podemos falar de justiça divina na escala do ser tomado na sua totalidade, que transcende o cosmos infinitamente. Nesse sentido é que eu digo que até a experiência usual da fugacidade da vida — tudo flui, tudo está indo na direção da morte, tudo vai para o nada etc. — é uma idéia enganosa, porque as coisas só podem fluir dentro da escala do tempo, mas aquilo que acontece no tempo, acontece porque também está na eternidade — nada pode acontecer no tempo que não esteja na eternidade —. Mas na eternidade nada passa. Nada se extingue na eternidade. Então o que quer que tenha sucedido na esfera do tempo, está conservado na eternidade e nesse sentido não existe injustiça, não existe o mal, não existe o sofrimento. O sofrimento só existe na escala do tempo. E na escala do tempo existe o engano, sendo que não podemos atribuir todos os enganos ao ser humano. Não faz sentido. Se existisse somente a escala do tempo, teríamos de dizer definitivamente que Deus é injusto e mau. Só não podemos dizer isso porque existem outras escalas superiores nas quais nada se perde, na qual o mal não é concebível. Mas aqui Descartes não está falando da escala da eternidade, mas da escala do tempo, e o simples fato de ele limitar a análise à escala do tempo já torna insensata a pergunta sobre “se Deus engana ou não”. Por isso que, até certo ponto, as duas respostas são admissíveis: você pode dizer “Deus me engana” ou “Deus não me engana”. As duas coisas não querem dizer nada.

Não acredito que essa seja uma análise aceitável do problema, a não ser como figura de retórica destinada a reforçar a ideia que Descartes está querendo passar, de que ele tem uma comunicação direta com Deus, de que Deus é o fundamento e a garantia dos seus pensamentos. Nas aulas anteriores já expliquei que Deus tem uma comunicação direta com o “eu” substancial, não com o meu pensamento. Ao contrário, o meu pensamento é onde acontecem todos os erros, todos os desvarios. Na escala do “eu” substancial, por sua vez, o engano é muito mais difícil, no mínimo. Todavia, em relação ao “eu” substancial, eu mesmo já disse que você tem de reconhecer que ele existe e que ele é você, mas que ele não é pensável. Para ser pensável, seria necessário que você transformasse o “eu” substancial numa totalidade, num conjunto de signos, que a sua mente

abrangesse como totalidade. Isso não é possível. Não posso me pensar a mim mesmo como totalidade, embora eu saiba que sou uma totalidade.

O Seminário de Filosofia e a sociedade brasileira

Verbalização da experiência como processo de cura

Hoje faremos uma pausa na leitura de Descartes para tratarmos um pouco da situação deste Seminário dentro da sociedade brasileira. Falaremos sobre as finalidades de tudo isto que estamos fazendo e sobre dificuldades que naturalmente vamos encontrar.

Uma coisa que tem me incomodado um pouco — embora não tenha me surpreendido nem me irritado — é a frequência com que pessoas que deveram o seu ingresso na vida intelectual a ensinamentos que receberam de mim, depois de dois ou três anos, viram casaca e saem imediatamente proclamando coisas do tipo “Olavo de Carvalho está superado”, “existe coisa melhor” ou, pior ainda, colocam em circulação historinhas absolutamente difamatórias, sem pé nem cabeça, acreditando que com isso estão prestando um grande benefício à humanidade, porque estariam libertando meus alunos da escravidão mental à minha pessoa.

Não faltam pessoas que dizem que todos os alunos do Seminário estão massificados. Eu queria saber como posso massificar as pessoas com uma aula por semana à distância. Seria uma verdadeira mágica. A Rede Globo consegue massificar a nação brasileira inteira ou só uma parte dela? Ela só consegue massificar aqueles que assistem àquelas novelas todo dia, que ficam cinco ou seis horas grudados na televisão sem a existência de nenhuma referência externa pela qual possam conferir as coisas. Então, trata-se de um canal único que ocupa setenta por cento da audiência durante o horário inteiro. Nesse caso é possível massificar. Mas como é que eu poderia fazer isso com uma ou duas horas por semana e à distância? Seria uma mágica extraordinária. Sinto-me até lisonjeado de me atribuírem esse poder maravilhoso.

Mas por que isso acontece? Tenho a impressão de que quem matou a charada foi o Sílvio Grimaldo, que leu um artigo do Júlio Lemos de dois anos atrás que dizia: “estou surpreendido com a lucidez do Olavo de Carvalho em tal artigo”. Ao ler isso o Sílvio disse: “eu não me surpreendo com a lucidez do Olavo, eu me surpreendo com a minha burrice, porque quando leio essas coisas eu me pergunto porque não pensei nisso antes”. O sujeito que não pensou nisso antes não se perdoa em não ter sido o primeiro. Ele não se perdoa de que alguém precise avisá-lo de um coisa que está diante da cara dele. O sujeito não me perdoa por ter dito a ele alguma coisa que ele deveria ter pensado antes, quando na verdade tudo o que estou dizendo é, pelo menos na minha intenção, algo que as pessoas deveriam ter pensado antes. Eu sempre disse que não queria dizer nada além do óbvio. Às vezes o óbvio é complicado de dizer, de forma que você tem de usar uma terminologia filosófica e conceitos complicados para dizer uma

coisa que as pessoas deveriam ter percebido na primeira. Mas acontece que se o indivíduo não enxerga com os próprios olhos e você tem de fornecer a ele um substituto verbal da percepção, isso não é tão fácil assim.

Por exemplo, vamos supor que o sujeito tenha tomado um vinho branco e depois um vinho tinto e não tenha percebido a diferença do gosto. Agora descreva a diferença para ele. É uma coisa complicadíssima. Já viram o vocabulário desses enólogos? O sujeito usa de mil figuras de linguagem e mesmo assim é capaz de o ouvinte ou leitor não perceber do que ele está falando. Imagine o que é necessário para descrever certos sentimentos que estão se agitando no fundo de todas as almas dos brasileiros e que eles mesmos não conseguem verbalizar e, portanto, não conseguem apreender conscientemente. Isso não é fácil, evidentemente. Você precisa de artifícios verbais, em parte literários, em parte filosóficos, e tão logo o sujeito consegue entender do que você está falando, percebe que já tinha, no fundo, percebido aquilo antes, só que vagamente. Ora, esse processo de puxar a experiência desde o fundo de uma sensação não verbal até o domínio verbal consciente é um processo de cura. Se você pensar bem, o que é toda essa tradição [00:30] psicanalítica e da psicoterapia? É passar as experiências desde aquela pasta nebulosa que se agita no fundo das almas e até dos corpos para um nível de domínio verbal. A partir do momento em que você conseguiu dizer qual é aquele sentimento, aquela emoção etc., pode manipular aquilo, que agora caiu sob seu poder. É evidente que esse negócio a que eu me dedico há anos, de tentar expressar certas experiências coletivas que ninguém está conseguindo verbalizar nem pensar, tem uma finalidade curativa.

Resumo autobiográfico de uma trajetória intelectual

Neste ponto, sou obrigado a voltar a um aspecto meio autobiográfico, sem nenhuma intenção de fazer de mim o centro do assunto do Seminário, mas simplesmente porque é importante. Toda e qualquer vida intelectual se desenvolve no diálogo com os maiores espíritos da época. Esse diálogo começa evidentemente com a leitura, mas normalmente prossegue no contato pessoal através de uma rede de contatos profissionais, por assim dizer, e também através de círculos de amizade através dos quais uma vocação individual se esclarece e consegue se direcionar. Não conheço ninguém na história, nenhum escritor ou pensador, que tenha sido mais privado disso do que eu. Fui criado em um ambiente de classe média baixa em São Paulo, onde qualquer esforço de conhecimento era considerado um pecado. Você devia prestar atenção apenas naquelas matérias que eram necessárias para passar de ano, para fazer o exame. O exame não visava propriamente a testar os seus conhecimentos, mas tratava-se sobretudo do exercício da cola.

Vocês sabem que no Brasil a cola é uma instituição nacional. Aqui nos Estados Unidos é um fenômeno raríssimo, porque as pessoas não estão na escola só para passar de ano. Elas precisam adquirir algum conhecimento do qual necessitarão depois para o exercício da sua profissão ou para qualquer outra coisa. Por isso, alguma transmissão de conhecimento continua sendo importante na escola

americana por decadente que esteja. Por exemplo, pude ver o progresso dos meus filhos aqui, que foi algo monstruoso. Eles leram mais livros aqui, desde que chegaram, do que qualquer estudante universitário brasileiro lê ao longo de toda a sua vida de estudos. Ou seja, aqui algum conhecimento de conteúdo ainda é importante. No Brasil, pelo menos no meio em que eu estava, isso não tinha importância nenhuma. O importante não era o conhecimento, e sim um negócio chamado diploma.

Isso era assim porque vivíamos numa situação de inflação dificilmente imaginável nos dias de hoje. Inflação significa que você nunca sabe quanto vai ganhar no fim do mês. O valor do seu salário é mutável. Você pensa que ganha mil, mas quando vai ver, recebe cem. Charles Boxer, um historiador inglês que morou muitos anos no Brasil, dizia que gostava muito do Brasil, mas que só não conseguia se adaptar àquele negócio de não saber o quanto ia ganhar no fim do mês. Faz tempo que a inflação acabou e as novas gerações não são capazes de imaginar a total insegurança em que vive o cidadão numa economia inflacionária. Nesse meio acossado pelo fantasma da inflação era natural que as famílias quisessem antes de tudo garantir a subsistência dos seus filhos e se livrar o mais breve possível do dever de alimentá-los. Cada filho que você tivesse era um problema econômico quase insolúvel. Nessa altura quem é que vai pensar em conhecimento, em alta cultura nacional? A preocupação é dar um diploma para o moleque para que ele possa arrumar um emprego no Banco do Brasil o quanto antes. Veja que não havia ambição de ascensão social. Eu conheci apenas uma família em que o pai e a mãe tinham grandes sonhos para o filho — ser presidente da república ou coisa assim. Todas as demais, inclusive famílias ricas, queriam apenas garantir o empreguinho, porque diziam não saber até quando conseguiriam sustentar o sujeito. Nesse meio não havia absolutamente qualquer estímulo ao estudo, mas apenas um estímulo para se conseguir um diploma o mais rápido possível. Isso significa que a autoridade da escola era uma autoridade negativa. A escola era prezada e muito respeitada não pelos conhecimentos que ela pudesse dar a você, mas pelo poder que ela tinha de negar os seus meios de subsistência ao lhe negar um diploma. A escola não era um meio de ascensão social nem de inclusão, mas um meio de exclusão, sobretudo porque a única coisa que ela podia dar ao sujeito era o diploma e, se lhe negasse o mesmo, o sujeito estava perdido.

Quando entrei para o ginásio, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o absoluto desinteresse de praticamente todos os professores por qualquer atividade de conhecimento. Os melhores eram os que só prestavam atenção na matéria curricular que era necessária para a prova, e alguns não prestavam atenção nem nisso. O que me chamou a atenção para isso foi o contraste que havia com um único professor que eu tinha: um homem de uma cultura monstruosa chamado Francisco de Almeida Magalhães, professor de história, que tinha realmente interesse em conhecimento. Era um intelectual às antigas, porém já estava com 90 anos, gagá e cego. Lembro-me que um dia eu e dois colegas fomos visitar o professor Magalhães em sua casa. O homem vivia sozinho em uma casa abarrotada de livros nas paredes e no meio, isto é, havia uma biblioteca em toda a volta e no meio uma montanha de livros empilhados porque não tinha mais lugar onde os colocar. Nós puxávamos um livro qualquer e perguntávamos ao

professor sobre o que era o livro, e ele discorria sobre o mesmo. Se não houvesse um professor assim, talvez eu não tivesse reparado na inépcia dos outros, mas o contraste era brutal. E aquele professor, devido ao fato de já estar gagá e quase cego, era objeto de chacota dos outros professores e ainda mais dos alunos. Lembro-me inclusive que em uma das festas de formatura organizadas por mim — eu era diretor social do grêmio — chamamos o Magalhães para ser paraninfo. Ele começou a fazer um discurso muito eloquente como sempre, porém não sabia onde estava a plateia. Ele começava a falar e naquele entusiasmo ia virando para o fundo do palco. Então eu tinha de ir lá e virar o professor de volta. Era uma situação patética. Mas esse homem inspirava em mim aquele misto de admiração e piedade: admiração por sua qualidade intelectual e piedade por ver a miséria física e social que estava vivendo. Mas quando eu comparava o Magalhães com os outros, eu via que ninguém ali queria saber de coisa nenhuma.

Nesse período ocorreu um fato que me chocou bastante. Tínhamos uma professora de inglês, D. Deia, que era muito chata. Eu já tinha decidido que na aula dela eu faria outra coisa e jamais prestaria atenção. Então eu pegava um livro, sentava no último lugar e ficava lendo. Um dia eu estava com o livro do crítico Oswaldino Marques sobre a técnica poética de Cassiano Ricardo. Era um livro altamente técnico, mas para mim estava sendo bastante interessante porque eu queria ser poeta, queria aprender aquelas coisas. De repente D. Deia percebeu que eu estava lendo o livro e o apreendeu, levando-o consigo. No dia seguinte ela voltou comentando que os professores, em reunião na sala dos professores, tinham examinado o livro e o achado muito engraçado. Aquilo me gelou a espinha. Quer dizer que esses professores pegaram o livro de um crítico literário mais ou menos técnico e acharam-no esquisito? Onde é que eu fui amarrar o meu burro? O que eu estou fazendo aqui, meu Deus do céu? Foi a partir daí que tomei a decisão de fugir da aula para me refugiar na biblioteca municipal onde li muitas coisas boas — inclusive foi nessa época que li o Otto Maria Carpeaux —. Eu percebi que ali na escola não ia aprender nada, que a coisa realmente não era séria, que não era para valer. Era um ritual de passagem que dava ou negava às pessoas o direito, não à ascensão social, mas à simples manutenção de uma posição social periclitante e, na maior parte dos casos, extremamente modesta. As pessoas queriam que o filho pegasse um diploma e arrumasse logo um empreguinho. Eu achava incrível que mesmo famílias ricas queriam que seus filhos arrumassem um empreguinho. Eu ficava revoltado com aquilo: se o pai tinha dinheiro para sustentar o filho e este arrumava um emprego, estava tomando a vaga de outro que precisava. E, no entanto, as famílias ricas tinham orgulho de mandar o filho para o emprego.

Foi esse o meio no qual cresci. Quando cheguei mais ou menos à idade adulta, entrei para o jornalismo e não preciso dizer que no jornalismo inteiro não encontrei uma única pessoa de cultura. Eles viviam de escrever, eram [00:40] os donos da língua portuguesa. Inclusive havia alguns ali bastante competentes na sua área, mas nenhum interesse por conhecimento. Todos tinham a ideia de que com o conhecimento que já tinham adquirido podiam julgar e entender tudo no mundo. Ninguém entendia, por exemplo, que para entender uma recente descoberta científica e poder escrever alguma coisa séria a respeito, você tinha

de estudar um pouco. Havia nos jornais um negócio chamado departamento de pesquisa que o supria com as informações de que você não dispunha. Então em caso de necessidade o departamento de pesquisa resolvia o problema para você. Ali no departamento de pesquisa havia pessoas estudiosas, mas não eram membros da redação. Isso já foi uma decepção.

Depois entrei para o Partido Comunista. Não era bem o Partido Comunista, mas uma ala dissidente do Carlos Marighella, que tinha rompido com o Partido Comunista. Apesar disso tínhamos contato com o pessoal do velho Partidão, que eram nossos concorrentes amigáveis. Por exemplo, uma das primeiras coisas que fiz na militância foi participar de uma eleição sindical na qual concorriam uma chapa comunista de velho estilo e uma chapa da dissidência. Esta era a concorrência: o Partido Comunista concorrendo com o Partido Comunista. Conheci muita gente do partido, da liderança, essa coisa toda. Só conheci um que tivesse algum interesse em marxismo: o velho Nabor Caires de Brito, que o pessoal chamava de Capitão. Ele era realmente um homem de grande erudição e muito interessado. Se você queria uma conversa mais séria sobre marxismo, tinha de conversar com o Nabor Caires de Brito, porque os outros não sabiam nada. Os caras que estavam se destacando como líderes estudantis na época, como Rui Falcão e José Dirceu, não estudavam nada. Eles não sabiam coisa nenhuma de marxismo. Eu sei disso porque levava a sério o negócio. Naqueles anos em que estive ali, li um monte de obras de Karl Marx, de Lênin, da tal Escola de Frankfurt quase inteira, um monte de coisas de Georg Lukács, e eu estava levando aquilo a sério. Não que eu acreditasse muito, mas pensava que “quem saía na chuva era para se molhar”. Já que eu estava ali, já que era para ser comunista, tinha de saber que raio de coisa era aquela. Mas ninguém mais tinha o menor interesse.

Em resumo: na infância, pelo simples fato de ter interesse em certas coisas mais altas, eu já era considerado um sujeito esquisito. No ginásio, pior ainda. Entrei para o jornalismo e piorou — o meu contraste com o ambiente era tal que meu apelido na redação era “padre”, porque vivia sempre com um livro debaixo do braço e não ficava conversando abobrinha. Isso não quer dizer que fossem más pessoas, mas era um negócio de uma esterilidade mental absolutamente acachapante —. Daí, a partir do Partido eu pensei em tentar conhecer alguns intelectuais ou algo assim, de maneira que fiz vários contatos em São Paulo sempre na esperança de enxergar “algumas luzes”. Não demorou um ano para perceber que aquelas pessoas também tinham pouco interesse em conhecer qualquer coisa que elas já não soubessem. Havia algumas pessoas que sabiam alguma coisa. Algumas porque tinham estudado na França. Chegavam de lá com um certo volume de conhecimento e aquilo era tudo para elas. Não havia ninguém que progredisse, que lutasse pelo conhecimento. E veja que conheci pessoas notáveis, sobretudo na área de crítica de cinema, como Paulo Emílio Sales Gomes e Francisco de Almeida Salles. Era o que havia de melhor por ali, mas eram pessoas que já tinham estagnado fazia muito tempo. Algum esforço pelo conhecimento não posso dizer que ninguém fizesse. Tinha um cara que eu não conheci pessoalmente, Sérgio Milliet, que era muito famoso na época e escrevia críticas de livros. Nós víamos que nem todos os problemas estavam resolvidos na cabeça de Sérgio Milliet, isto é, ele tinha dúvidas, fazia perguntas,

estava querendo saber. Mas era uma coisa raríssima naquele meio. Todo mundo escrevia como se já tivesse a solução de tudo. Logo, é claro que entre os intelectuais eu também não me senti muito bem. Isso quer dizer que todo o meu diálogo com os grandes espíritos da minha época foi feito através de leitura, e só. E não tinha com quem falar. Isso durou trinta anos.

A primeira vez que tive um diálogo intelectual sério foi quando chegou Bruno Tolentino. Eu tinha cinquenta anos. Bruno chegou, tinha morado trinta anos na Inglaterra, conhecia todo mundo, tinha lido toda a poesia universal, e não estava morto. Não era uma múmia. Ele queria saber. Ele tinha perguntas. Ele tinha aquele negócio do Pascal: *chercher un jeune sens*[2], isto é, estava sofrendo por causa dos problemas. Foi a primeira vez que eu tive alguém com quem conversar.

Isso não era uma situação minha, mas refletia a situação da sociedade brasileira. A sociedade brasileira era assim e depois ficou pior. Foi dentro disso que acabei tendo a minha atenção atraída por uma série de temas, obras e autores que ninguém no Brasil tinha ouvido falar. Também tive a minha atenção atraída para o fenômeno que depois chamei de "o imbecil coletivo". O imbecil coletivo constituía-se de uma multidão de pessoas até bem dotadas pela natureza, mas cuja principal ocupação consistia em concordar uns com os outros, sempre em torno das mesmas coisas. Por isso que defini o imbecil coletivo não como uma coletividade de imbecis, mas uma coletividade de pessoas de inteligência normal ou até superior que se dedicavam à atividade de imbecilizar-se umas às outras. Naturalmente essa imbecilização também estava ligada à conquista e à manutenção de postos e cargos, porque num ambiente inflacionário ninguém tinha segurança no emprego. Apenas para manter um emprego, você precisava usar meios conspiratórios que nos Estados Unidos seriam usados para tornar-se presidente da república. Se você pega o ambiente dentro de uma universidade, cinquenta por cento do tempo é gasto em assembléias estudantis, outros quarenta e nove por cento são usados em intrigas profissionais, em formar grupinhos, em jogar um contra o outro etc., e o que sobra é dedicado ao estudo. Qualquer estudante de qualquer universidade pode confirmar que é assim. A minha filha Inês, que fez um dos melhores cursos que tinha na USP, o curso de história, disse que nunca viu lá nenhum interesse superior. Era só rotina, só cumprir o programa. Ninguém estava interessado em saber coisa nenhuma. Isso não quer dizer que o curso em si fosse mau. Era apenas medíocre. E isso era o melhor que tinha na USP na área de Humanas.

A partir do livro *O Imbecil Coletivo* — primeiro publiquei *O Jardim das Aflições*, depois *O Imbecil Coletivo* — comecei um trabalho sistemático de tentar abrir um pouco a janela para as pessoas respirarem, para que soubessem que existiam outras coisas, que a liderança intelectual brasileira já estava morta fazia muito tempo, que estavam prestando atenção em múmias, que não era disso que se tratava. Então, graças a isso entre outras coisas, introduzi no meio brasileiro uma infinidade de informações, temas, obras e autores de que nunca ninguém tinha ouvido falar. No começo, o pessoal do *establishment* universitário — que é a

[2] Nota do revisor: tradução: "procurar um novo significado".

mesma coisa que dizer *establishment* comunista — achou que ia se livrar de mim muito facilmente. Como não conseguiram e se deram muito mal, decidiram ficar quietos. Durante um certo período eu tive sossego. Não tinha ninguém falando mal de mim. Eu estava sozinho no pedaço e dizia o que queria. Ninguém discutia nada. Tinha gente que rosnava um pouco no canto, mas isso era tudo. Acontece que daí apareceu essa nova geração que se aproveitou justamente do espaço que eu tinha aberto e começou a ler outras coisas. E naturalmente alguns descobriram coisas que eu não sabia, isso é evidente.

Por exemplo, outro dia li algo sobre o romancista húngaro Péter Esterházy que eu não sabia. Imediatamente mandei vir o livro dele e estou muito grato a quem me deu a dica. Não me lembro mais quem foi. Foi um pessoal de um *site* literário insignificante, mas mencionava Esterházy. A família Esterházy é uma família nobre da Hungria que tem importância histórica ali, e ele escreveu um romance baseado na história de sua família. Só que escreveu tudo centrado no estudo do pai, e depois descobriu que o pai tinha sido agente da polícia secreta comunista. Daí ele teve de escrever um outro livro que chamou de *Edição Corrigida*, contando sua decepção com a figura do pai. É um personagem interessantíssimo evidentemente. Assim como alguém há tempos atrás me revelou Alberto Cohen, que escreveu aquele belíssimo livro *Belle du Seigneur* (A Bela do Senhor), uma obra-prima. Quando alguém me dá uma dica dessas, eu agradeço, e não vou dizer que fui eu que descobri. Tem muita coisa que já existia que descobri fuçando no mundo. [00:50] Mas quando alguém me dá uma ideia nova eu não fico brabo de não ter sido o primeiro a pensar naquilo, porque não posso ser o primeiro a pensar em tudo. Por mais pioneiro que você queira ser, a maior parte das idéias já foram pensadas, a maior parte dos livros já foram escritos e você vai acrescentar quase nada ali. Em outros casos você vai fazer a melhor parte do seu trabalho se inspirando em autores de dois mil anos atrás, como me inspirei em Aristóteles com a questão dos Quatro Discursos.

Eu vi que nesse período se perdeu até a noção mínima do que é ética da vida intelectual. As pessoas não sabem mais. Então de repente começam a ler livros etc. e ficam brabas porque não foram elas que descobriram tudo sozinhas. A urgência principal delas é tirar o Olavo de Carvalho do caminho. São dezenas de pessoas querendo fazer isso. Outro dia alguém disse que o Olavo de Carvalho está superado. Tudo bem, todo mundo será superado. Mas superado por quem? O que entrou no lugar? Você? Você está brincando comigo.

Filosofia analítica

Outro dia, Júlio Lemos, um sujeito que tinha até me elogiado há um tempo atrás, escreveu um artigo chamado *Michael Dummett (1925-2011)* fazendo um contraste entre os filósofos que se dedicam mais à área das ciências humanas, literatura, essas coisas, e os filósofos que se inspiram na física, na matemática, nas chamadas ciências duras. Ele então chamava os primeiros de “cigarras mágicas” e os segundos de “formigas engenheiras”, fazendo apologia destas últimas como se fossem uma verdadeira maravilha. Lá pelas tantas dizia: “Mas é

claro que é muito mais fácil denunciar conspirações no Foro de São Paulo do que estudar a Teoria do Significado de Gottlob Frege”. De fato é. Mas no meio do texto ele mostrava certa admiração por Wittgenstein. Que coisa mais incoerente e boboca! Que falta de informação! Se você acha que o suprassumo do negócio é a Teoria da Significação de Frege, não pode ter nenhuma admiração por Wittgenstein. Gottlob Frege foi o sujeito que quando leu o *Tractatus Logico-Philosophicus* disse que não conseguia ler além das quatro primeiras páginas, porque aquele negócio não fazia o menor sentido. Dizia que não estava entendo porque ali não havia nada para ser entendido. Metade do *Tractatus* é copiada de Frege e a outra metade é besteira que Wittgenstein inventou contra Frege. Ou se admira um ou outro. E, além disso, se você preza tanto assim as ciências duras — a lógica, a matemática, essa coisa toda — deveria saber que Wittgenstein tinha conhecimento muito precário tanto de matemática quanto de linguística e, por isso mesmo, ao tentar resolver problemas de teoria da linguagem com base na lógica matemática só fez besteira. Isso é uma coisa elementar que qualquer um tem de saber. Mas acontece que o indivíduo tinha acabado de ouvir falar de alguma coisa na área e se encantou.

Eu também, quando jovem, tive esse breve encanto pelos filósofos da Escola Analítica. Li muito Bertrand Russell naquela época e me dava a impressão de que aquela coisa era muito séria. Mas abandonei isso quando percebi que esses filósofos de treinamento lógico-matemático, quando saíam do mundo estritamente formal para entrar em questões substantivas da história, do destino humano, de Deus etc., só falavam besteira. Descobri que esses filósofos de formação matemática são tipo *nerd*: aqueles garotos que nunca saíram de casa, que ficam lá na frente do computador o dia inteiro só pensando em coisa matemática. Esse mundo do formalismo é acessível a qualquer garoto de doze anos com algum talento. Lógica matemática é uma coisa que um menino pode aprender. É uma técnica meramente formal. Por complicada que seja, pode ser aprendida. Agora, as questões substantivas da vida não. Aí se requer experiência, cultura, bom senso e equilíbrio. Não é para qualquer um.

Por exemplo, um dos fundadores da Escola Analítica, Hans Reichenbach, fundador do empirismo lógico, quando veio para os Estados Unidos foi manipulado por estudantes ativistas da Universidade da Califórnia. Um cientista, um homem de gabarito mundial, sendo manipulado por aqueles estudantes vagabundos, ativistas? Quer dizer, o homem era um bobo. Wittgenstein, quando estava no auge da carreira, em plena maturidade, encantou-se com o stalinismo ao ponto de querer mudar para Moscou. E Bertrand Russell, que quando começou era um babaca de direita e depois virou um babaca de esquerda, tinha ideias tão absurdas que chegou a propor um bombardeio atômico preventivo da União Soviética. Já pensou que maravilha? Matar quinhentos milhões de pessoas como se fossem um nada. Depois terminou a vida como apologista de Ho Chi Minh. Claro, na matemática e na lógica o sujeito é ótimo. Mas a lógica é uma técnica, não é filosofia. E como uma pura técnica formal, ela é acessível a qualquer mente imatura com um pouco de talento.

Também, não por coincidência, no meio em que eu fui criado no tempo do ginásio havia esse mesmo preconceito em favor das chamadas ciências duras, porque o emprego de engenheiro era melhor, por exemplo, do que o emprego de professor de história. As famílias dirigiam você para esse lado. Se você dissesse que queria ser filósofo ou escritor, os caras iam lhe bater. Naquela época o ginásio durava quatro anos e depois tinha uma segunda etapa que se chamava ou "clássico" ou "científico". O clássico era para o pessoal que ia para letras, filosofia e o científico era para quem ia para engenharia e coisas assim. Naquela época o consenso era de que o clássico é para as meninas, e os meninos tinham de ir para o científico, porque as meninas não teriam de sustentar a família.

Lendo esse artigo de Júlio Lemos, vejo aquela velha idolatria babaca das profissões técnico-científicas como se fossem a matriz da filosofia. Desde o século XIX, vemos que toda filosofia inspirada nas chamadas ciências duras termina em besteira. Veja o caso de Heidegger, que começou com estudos de lógica, de teoria do significado em Duns Scot — trabalho altamente técnico — e terminou como puxa-saco de Adolf Hitler. É um caso de falta de lucidez total. Esse negócio de ciências duras é só para impressionar pessoas. Trata-se do mito do curso científico e é uma coisa de adolescente. Mas o sujeito está expondo isso como se fosse a quintessência e mostrando inclusive que tem precaríssimo conhecimento, porque dentro desse mundo das filosofias inspiradas nas ciências duras ele leva a sério Wittgenstein, que não conhecia ciência dura nenhuma. Pior ainda, Wittgenstein tinha um desprezo total pelas ciências: ele não as conhecia e não queria conhecer. Mas acontece que ele escreveu o *Tractatus* numa linguagem de lógica matemática, ainda que parasitando Frege, que depois desprezou o livro.

No *Tractatus*, Wittgenstein faz uso de sentenças arbitrárias, como por exemplo "o mundo é o conjunto dos fatos". Eu pergunto: primeiro, o que você quer dizer com "conjunto"? O conjunto quer dizer uma somatória? É exatamente o que ele está querendo dizer: são fatos atomísticos, um fato separado do outro. Segundo, ele diz que um fato atomístico pode mudar sem que o resto mude. Mas como é que ele sabe? São de fato sentenças arbitrárias. Você engole quatro páginas de premissas arbitrárias, depois terá de aceitar as consequências. Na verdade, só aceitará se ler isso com olhos de um leitor literário, não de um leitor científico. Um leitor científico fará como Frege e perguntará pela demonstração disso tudo e pelo motivo de se estar dizendo isso. A minha reação ao *Tractatus* foi exatamente igual a do Frege: eu não estava entendendo aquela coisa. E quem diz que entende é só por pedantismo. Não é porque seja uma leitura difícil — na verdade não é uma leitura difícil —, é um pensamento impossível. Tirando as partes que têm lá uns símbolos matemáticos, o resto é de leitura facílima. E mesmo em relação aos símbolos matemáticos, basta ir até um livro, descobrir o que aqueles símbolos querem dizer e prosseguir a leitura. Não é uma dificuldade de leitura, é uma dificuldade de transformar aquilo em pensamento, de construir o objeto ideal correspondente. Aquilo não corresponde a nenhuma realidade e nem sequer a uma idealidade.

A mesma experiência eu tenho com Heidegger. Heidegger é difícil de ler. Só que, além de ser difícil de ler, é mais difícil ainda de pensar, porque o que ele está

dizendo é impensável. Por exemplo, você começa com o tal do *dasein*, que quer dizer “estar aí, ser aí”. No começo, o *dasein* quer dizer o indivíduo humano, depois o *dasein* começa a querer dizer a nação germânica e, quando termina, o *dasein* já virou o “ser” na sua totalidade, já virou Deus. Mas do que ele está falando? Ele vai mudando o negócio de significado e não avisa que mudou, **[1:00]** e não percebe que mudou. Aquilo é uma gigantesca empulhação. No caso de Heidegger, acho que foi empulhação consciente. Eu li o primeiro livro dele sobre o sistema das categorias e da significação em Duns Scot. Você vê que o cara tem um domínio técnico de tirar o chapéu. Quando um cara desses começa a falar besteira, está com treta. Eu não confio em Heidegger. Não posso deixar de admirar de alguma maneira a força de seu pensamento filosófico, embora seja apenas como a força de um atleta de feira: só está mostrando a musculatura, mas não está fazendo nada; aquilo não serve para nada, só para mostrar. Você admira, mas não respeita. É a mesma coisa que sinto por Hegel.

Portanto, que respeito merece um sujeito que estuda e adquire todo esse aparato lógico e matemático apenas para enganar os outros? É o espírito totalmente oposto a uma mente séria. Por exemplo, ao lermos Max Webber, mesmo que discordemos dele em tudo, não podemos negar que ele está fazendo uma grande força para descobrir a verdade, até mesmo quando não descobre — ele nunca conseguiu provar sua tese, apenas juntou um monte de indícios que às vezes parecem provar que sim, às vezes não. Ou ao lermos Edmund Husserl, percebemos a sua concentração mental prodigiosa, até um certo sofrimento mental por trás do esforço. Claro, esse está buscando entre gemidos, como dizia Pascal, e é esse que você tem de respeitar. Pascal dizia: “Não prezo nem aqueles que aplaudem nem os que vaiam, mas somente os que buscam entre gemidos”. É nesse esforço que você mede a seriedade de um trabalho. É o que não encontramos ao ler Heidegger, Karl Marx ou Georg Lukács — que foi um grande gênio, mas vigarista; Stálin mandava-o mudar de ideia, ele mudava, inventava uma justificativa, colava uns *band-aids* e estava tudo certo. Sobretudo, todos estes fazem aquele negócio de esconder as fontes. Lukács, por exemplo, havia aprendido muito com o pessoal das ciências dos espíritos — Weber, Wilhelm Dilthey, Rickert, Georg Simmel —, mas não citava nenhum porque, sendo um cara do Partido, não podia ficar dando mole para a filosofia burguesa. Heidegger fez a mesma coisa e Wittgenstein nem se fala: tudo o que sabia aprendeu com Frege ou Bertrand Russell, o que não o impedia de empinar o nariz fingindo superioridade, quando na verdade havia uma evidente inferioridade.

Busca da própria voz

Na cultura brasileira, esse negócio da pose está presente de maneira quase obssessiva. As pessoas não falam com um discurso que seja próprio da sua idade, da sua situação existencial e que reflita o que são na verdade. Isso foi uma das maiores preocupações na minha vida: não parecer outra coisa, e sim eu mesmo, de maneira que se leio o que escrevi me reconheço ali. Quero escrever tudo de coração na mão, falar a meu público leitor e alunos exatamente como falo em casa com minha mulher, meus filhos, amigos etc. Em meus livros, artigos e

escritos, misturo muito o discurso erudito com o discurso mais brega possível, porque não sou um erudito acadêmico do meio europeu. Não fui criado naquele meio. Sou um brega do terceiro mundo, muito mal-formado intelectualmente, aos trancos e barrancos. É evidente que sei muita coisa — acho que no Brasil não existe ninguém que saiba mais do que eu —, mas e daí? Isso não vai me transformar num professor doutor. É igual à história de meu filho Gugu, que após ganhar uma fantasia de Batman, chegou ao primo e disse: “Vira Robin!”. O primo respondeu: “Não!” Ele tentou novamente: “Vira Robin!”. O primo respondeu: “Não!” Logo após, o Gugu saiu cabisbaixo, foi até sua mãe e disse: “Mãe, me dá minha chupeta que eu já virei o Gugu de novo”. Portanto, não posso escrever em um tom uniformemente acadêmico, porque não sou isso. Sou apenas o Olavo: um cara que saiu de um meio iletrado e infame, que com muita luta aprendeu alguma coisa, mas que não perdeu sua raiz brega, pois foi criado no meio disso. Meus amigos de infância, por exemplo, eram todos bandidinhos e cafajestes. Não havia outra coisa. Quando fui para o ginásio, meus amigos só falavam de mulher e futebol. E eu não posso dizer que odiasse ou desprezasse essas pessoas: eram meus amigos. Não posso negar minhas raízes na breguice brasileira e, graças a Deus, é isso que me permite entender a sociedade brasileira.

Se eu fosse alguém que, em sua juventude, foi retirado do Brasil e mandado para estudar na Alemanha ou na França, teria virado uma espécie de pessoa sem raízes, pairando no ar. Isso aconteceu ao José Guilherme Merquior, que nunca chegou a entender exatamente qual era a sua situação no Brasil. Tentava falar sério com gente que estava rindo da cara dele. Ora, eu sei quando é o momento de usar argumentos eruditos e quando é o momento de mandar o sujeito para aquele lugar. Certa vez, levaram o José Guilherme Merquior para um programa de televisão e fizeram a pergunta: “Como é a sua vida sexual?” Ele ficou todo desconcertado. Será que não sabia que era isso que iriam fazer com ele no Brasil? Será que ele pensava que iriam perguntar alguma coisa sobre a estética de Lévi-Strauss? Será que ele achava que ia ser tratado nesse nível? Ele não sabia onde estava? Não, acho que ele não sabia. Como eu queria que fizessem essa pergunta para mim! Eu diria: “Ah! o senhor não sabe como é? Eu vou explicar, aqui existe um negócio chamado ‘peru’, e fazemos assim, assim, assim... pra mim é assim, para o senhor não é?!?” É isso que eu teria dito, mas o homem ficou vermelho.

É assim: você sai das altas esferas da intelectualidade europeia para cair num meio que só tem cafajeste que vai rir da sua cara. Vejam que até mesmo o Bruno Tolentino, que era o maior cara-de-pau do universo, quando foi entrevistado no programa do Jô Soares, conseguiram deixá-lo sem graça. O Bruno ficou todo inibido ali. Nem o Bruno Tolentino estava preparado para a breguice brasileira — que na verdade acabou por envolvê-lo e destruí-lo —. Mas eu não. Fui criado entre cafajestes e, portanto, conheço essa gente e não tentarei parecer sério perante eles. Essa coisa faz parte de minha personalidade. Vai ser sempre assim, eu não vou mudar.

Embora atualmente esteja morando em um país onde não é assim — as pessoas não são cafajestes —, nunca me adaptarei completamente a este meio. Por exemplo, para dialogar com algum americano eu preciso adaptar, selecionar um

pouco, mas mesmo assim percebo que não sou muito eu mesmo. Eu só falo uma parte. Se mostrar a outra, eles irão bater em mim. Ao tentar explicar como é o Brasil, vejo que não consigo. Tentei explicar o fenômeno Tiririca, e eles não entenderam. Tentei explicar o mensalão, e eles não entenderam. Tentei explicar a história do Lula com as cabritas e seu orgulho por tentar estuprar um colega na cadeia. Eles olham para você — são pessoas muito educadas —, fazem que sim com a cabeça e logo esquecem para não pensar mais naquilo. Porque se continuarem pensando, irão achar que você é louco.

Missão do intelectual no Brasil

É realmente este o ambiente em que estamos. E esse primitivismo brasileiro aumentou muito, se tornando muito mais grave e brutal nos últimos anos. Daquela geração de intelectuais de esquerda que criou essa situação, muitos já morreram e outros estão desativados. Não sei se Leandro Konder já morreu. O Dr. Emir Sader não interessa, pois ele jamais nasceu. Marilena Chauí está cada vez mais quietinha. Portanto, eles fizeram essa porcaria toda e agora vão se retirando do mundo dos vivos, um a um, e deixando a porcaria para trás. E a geração seguinte é muito pior do que eles. Se você observar os intelectuais da esquerda de hoje, tipo Vladimir Safatle, é um desastre completo. Isso significa que vocês, alunos, não terão sequer a quem combater. Se vocês estão se preparando para o combate intelectual. É evidente que o combate intelectual é feito entre intelectuais, **[1:10]** mas no Brasil de hoje não há mais intelectuais. O que vocês terão de fazer, portanto, é colocar as primeiras pedras fundamentais da civilização: ensinar as pessoas o que é história, literatura, filosofia, o que é o bem, o mal, o que é verdadeiro e o que é falso etc. Não há mais aquela barreira de ideias a serem removidas como havia mais ou menos no tempo de *O Imbecil Coletivo*.

Eu lembro que, quando comecei a dar aula, o problema não era tanto a esquerda. A influência da Nova Era ainda era mais poderosa. Todos tinham um guru — um estava com o Rajneesh, outro com o reverendo Moon, outro ainda com o Trigueirinho —. As pessoas chegavam até você com todo esse veneno na cabeça. Eu levava meses até conseguir limpar tudo aquilo. Depois veio o esquerdismo petista — muitos começaram na Nova Era e posteriormente foram para o PT levando aquele material todo —, mas hoje em dia não existe nem isso, porque as opiniões de esquerdistas que estão em circulação não têm mais nenhuma raiz intelectual. São coisas puramente arbitrárias, ligadas sobretudo a grupos de pressão. Há um grupo gayzista, um grupo abortista, um grupo racialista, e é apenas o interesse imediato de um desses grupos que está sendo afirmado. Não há uma opinião com a qual você tenha de discutir.

No entanto, há coisas importantes a se fazer. Quando digo que precisamos colocar as pedras básicas da civilização, isso é quase como os jesuítas chegando no meio dos índios. Aliás, sugiro que vocês leiam o livro do Padre Manuel da Nóbrega, *Diálogo da Conversão dos Gentios* — um livro importantíssimo, um dos livros fundamentais da história brasileira —, onde ele conta sua experiência de

catequizar os índios. Ele dizia: “Estes índios são as pessoas mais amáveis do mundo, concordam com tudo o que você diz e em dois minutos se convertem. Porém, no dia seguinte esquecem tudo”. Ou seja, o cara se converteu, foi batizado hoje, e no dia seguinte está com quatro mulheres, achando isso a coisa mais normal do mundo. O Brasil está assim: as pessoas não têm mais concentração para perceber incoerências. Para perceber que uma coisa é incoerente, é necessária uma continuidade de consciência no tempo, de uma coisa a outra, mas no Brasil isso não existe. No meio do caminho a consciência corta e as pessoas esquecem. Portanto, vocês não estão lutando contra uma barreira de ideais ou contra uma ideologia, e sim contra uma inépcia mostruosa, contra uma incapacidade e uma burrice que raiam o retardamento mental.

Uma coisa que deve ser feita, entre outras, é restaurar o senso da continuidade histórica: contar o que aconteceu nesses últimos quarenta anos, pois ninguém sabe. A ciência da história no Brasil virou exclusivamente a “hora da saudade” dos guerrilheiros dos anos sessenta. É só disso que os historiadores falam. Será que não aconteceu nada depois da ditadura? Será que esse vai ser o assunto eternamente? Acho que existem mais livros sobre a ditadura brasileira do que sobre o *Gulag*. Isso quer dizer que houve um período de esquecimento sem o qual não teria sido possível a ocultação do Foro de São Paulo. Vemos que até hoje existem pessoas que resistem ao Foro de São Paulo. Veja aí o Júlio Lemos gozando da situação ao dizer que é mais fácil sondar conspirações do Foro de São Paulo. O Foro de São Paulo já fez a conspiração, já ganhou o poder em todos os lugares, já está “por cima da carne seca” e as pessoas ainda continuam achando que isso não tem importância. É claro que se trata de uma questão de inépcia, de uma consciência que ficou frouxa na falta de sensibilidade. É com isso que vocês terão de lidar. Não há mais um esforço polêmico, há apenas um esforço de ocupar um vazio, e é nisso que contamos com vocês.

Dívida de gratidão para com os mestres

Entretanto, existe esse pessoal que aprende as coisas comigo e depois acha que basta escrever alguma coisa em tom de superioridade para me superar. Dou-lhes o seguinte conselho: Eu, Olavo, aprendi muita coisa com bastante gente e nunca disse uma palavra contra eles. Não que fossem pessoas perfeitas, não que eu não tivesse superado intelectualmente quase todos eles, mas nunca escrevi uma palavra para me fazer de superior. Nem mesmo contra Frithjof Schuon, que me sacaneou e trouxe danos irreparáveis a minha vida, eu escrevi. Afinal, tenho uma grande dívida intelectual com ele, e somando tudo, percebo que aquilo que aprendi com ele paga a sacanagem que ele aprontou comigo. Além disso, quando Cristo diz “não julgueis para não serdes julgados” significa que se você ver um homicídio não poderá achar ruim? Não é disso que Ele está falando. Ele está falando de julgar pessoas, não atos e palavras, que temos obrigação de julgar. Aquilo que é errado temos obrigação de dizer que é errado. Mas nunca podemos prejulgar a sentença que será dada à pessoa.

Esses dias, por exemplo, apareceu na revista *Permanência*, uma resposta de Dom Lourenço Fleichman ao que eu tinha dito sobre Rama Coomaraswamy e a infiltração de pessoas no grupo do Monsenhor Lefebvre para estimular uma crise. Dom Lourenço se refere aos quatro bispos que foram sagrados por Monsenhor Lefebvre e diz que nenhum deles pode ter sido infiltrado. Eu espero que ele tenha razão, pois a outra hipótese é medonha. Eu tinha contado que o próprio Coomaraswamy já dizia: “Este Monsenhor Lefebvre é um idiota, mas trabalha para nós.” Dom Lourenço diz que isso é uma bravata do Coomaraswamy — embora eu duvide, pois ouvi isso de muitas outras pessoas de dentro da *tariqa* e, além disso, existiam nove alunos dele que entraram no grupo de Monsenhor Lefebvre e, evidentemente, alguma coisa fizeram lá dentro —. Dom Lourenço também diz que nenhum dos bispos demonstrou ter a menor influência das ideias de Guénon ou Schuon. Isso só mostra que ele não sabe como funciona esse negócio de infiltração. Você não vai infiltrar um sujeito em uma organização para que ele saia pregando idéias. Isso não se faz, por definição. Muito pelo contrário, o sujeito que se infiltrou vai manter uma discrição ao longo da vida, sem que jamais você saiba de onde ele veio nem o que está fazendo lá. Você não pode confundir a atividade de um propagandista ou ativista revolucionário com a de um espião ou agente infiltrado. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Podemos observar a história de grandes infiltrados, como por exemplo Alger Hiss. Ninguém jamais diria que Hiss fosse sequer esquerdista, quanto mais um agente comunista, que era exatamente o que ele era. Dom Lourenço não tem muita prática nesse assunto, e por não ver nenhum sinal de guenonismo ali, acredita que não são suspeitos. Eu não sei. Gosto muito de Dom Lourenço e espero que ele tenha razão nessa coisa toda e os caras estejam completamente inocentes mesmo, mas digo que sinceramente não tenho uma conclusão a esse respeito. Conheço um pouco esses mecanismos de infiltração e sei que não são como ele os imagina. Naquela ocasião eu havia dito que Coomaraswamy, sob certos aspectos, é uma boa pessoa, embora tivesse feito aquela sacanagem. Porém, em resposta ao meu comentário, Dom Lourenço desceu o cacete no Coomaraswamy, dizendo não ser uma boa pessoa e sim um pulha, um canalha. Isso não é verdade. Nada que o Coomaraswamy tenha feito de mal, mesmo contra a Igreja Católica, anulará o bem que ele fez com o livro *The Destruction of the Christian Tradiction*, onde ele esclarece muitas coisas para os católicos. Além disso, eu vi o debate do Coomaraswamy com o fundador da Teologia da Libertação, o Padre Gutiérrez, que ele reduziu a pó. Isso é um bem que ele fez, e o mal que fez não anulará o seu bem. Você nunca pode dizer que um sujeito é um canalha na sua totalidade. O sujeito pode ter feito uma canalhice. Claro que, em uma linguagem coloquial, podemos nos expressar através de um xingamento, mas é uma figura de linguagem. Já na linguagem escrita, você está prejulgando. Deus irá somar o bem e o mal, e espero de coração que Ele perdoe o Coomaraswamy pelo mal que fez, levando em conta também o bem que praticou. Em relação ao próprio Schuon também, embora tenha feito uma tremenda canalhice comigo, não posso somar tudo e dizer que foi tudo canalhice. Foi isso que Cristo disse: você não pode julgar pessoas. Só Deus pode julgar pessoas, porque Ele sonda os rins e os corações e sabe tudo o que tem dentro de você. Ele não vai julgar por pedacinhos separados, como nós fazemos. Nós só conhecemos os pedacinhos separados e por isso só podemos julgar os pedacinhos separados, nunca a pessoa em sua totalidade.

Esse é um exemplo de como acho que temos de tratar as pessoas com as quais temos uma dívida intelectual, moral ou até financeira. Não sou capaz de falar mal de uma pessoa que, por exemplo, **[1:20]** me emprestou dinheiro. Pode ser o maior canalha para os outros. Para você ele pode ter sido mau, mas para mim ele foi bom. Então não sou eu que vou cuspir no túmulo dele. Mas até essa coisa, que é um preceito elementar de moralidade, as pessoas não sabem. Um dia não fui obrigado a publicar — tinha um grupo de católicos falando mal a meu respeito — um trecho de um tratado de teologia moral lá no *site* e dizer: o que a Igreja manda fazer é "isto" e não o que vocês estão fazendo? Esse tom de santidade ofendida no qual todo mundo escreve é uma coisa muito feia. Dá a impressão que o sujeito que entrou na Igreja Católica tem de virar santo imediata e completamente, que já limpou tudo, e daí ele já sai de dedinho em riste. Mas se fosse assim não precisaríamos de Igreja Católica: batizou, acabou o problema. Você vai continuar no seu pecado até o último de seus dias e não estamos aqui para condenar as pessoas, mas para ajudar na medida do possível, e para que nos ajudem também. Isso é o máximo que dá para fazer. Os inimigos da Igreja fazem o seguinte: se o católico tem um pecado dizem que é um hipócrita. Por exemplo, Paul Claudel foi o maior poeta católico do século XX e teve uma amante durante cinco anos. Por causa disso chamaram-no de hipócrita. Mas por que hipócrita? Ele é um pecador como todos nós. Não há hipocrisia nenhuma em ser católico e ter uma amante. Ele está no pecado, mas não quer dizer que seja um hipócrita. Mas o pior é quando o próprio pessoal que está dentro da religião começa a agir assim também.

Perguntas e respostas aos alunos

Aluno: A pergunta não tem relação direta com o conteúdo das últimas aulas, mas acho importante. Cada vez me impressiono mais com aquele esquema em três eixos da sua antropologia filosófica, e percebo a possibilidade de utilização dessa estrutura em estudos dos mais variados em muitos sentidos e níveis. Por isso gostaria de saber como o senhor chegou a esse esquema; ou seja, que experiências concretas, dentro das leituras e da vivência pessoal direta, o senhor utilizou para fixar esses polos que me parecem definitivos?

Olavo: Essa é a pergunta fundamental em qualquer texto filosófico que você leia. Tudo o que está numa filosofia surge de alguma experiência vivida. As ideias filosóficas não se produzem umas às outras como se tudo fosse transcorrendo no mundo das ideias, como se tivéssemos aqui uma opinião que gera outra opinião etc. Realmente não é assim. Em primeiro lugar, porque ninguém nasce filósofo. O sujeito chega à filosofia a partir de uma série de experiências que teve, onde julgou que era necessário buscar um senso de orientação mais geral. Isso não aconteceria se ele se sentisse perfeitamente orientado ou se essas perguntas não o atormentassem de maneira alguma. Então, saber qual a experiência por trás das ideias, das teorias, é sempre a pergunta fundamental. É o método de Paul Friedländer.

Também tem o seguinte problema: há muitas ideias às quais não corresponde nenhuma experiência, porque foram criadas na esfera puramente verbal e às vezes criadas como ficções. Acabei de dizer isso de vários trechos de Heidegger ou de Wittgenstein que não correspondem à experiência nenhuma porque não são sequer pensáveis num plano ideal. Buscar a substância de realidade — a substância de experiência que há por trás das ideias — é o problema fundamental. Ainda que, em muitos casos, você tenha de recorrer a uma investigação biográfica, caso o sujeito não tenha lhe dado as dicas sobre de onde ele tirou aquilo. Por exemplo, Eric Voegelin conta-nos a experiência juvenil que teve de contraste entre cultura europeia e cultura americana quando ele passou um tempo aqui, e depois a experiência dos movimentos ideológicos de massa. De tudo isso você extrai um substrato biográfico e vê que tudo o que ele pensou na vida foi para explicar aquelas situações. Ele estava realmente impressionado com aquele negócio. Todos nós temos experiências de infância ou juventude que criam o esquema de pelo menos uma pergunta que vamos tentar responder pelo resto de nossas vidas.

Eu até mencionei isso naquele blog que eu mantinha — depois achei que não precisava ter um blog separado; botava tudo no site sem precisar colocar no blog —, contando minha experiência infantil, muito remota. Eu era muito pequeno quando aquilo começou a me acontecer. Fiquei doente por muito tempo e passava meses na cama. De certo modo eu vivia num mundo vertical. Quando eu melhorava um pouco e começava a mexer-me, tinha de passar da vertical à horizontal. Na horizontal, surgia outro problema: havia dois lados para os quais eu podia ir. Então esse esquema das três direções do espaço me impressionou desde o começo. Era ali que eu estava vivendo. Eu via que na dimensão vertical podia imaginar uma coisa que estava infinitamente longe, que fosse inalcançável, e que em seguida eu podia recuar para dentro de mim mesmo para um mundo puramente interior. Às vezes, esses dois mundos pareciam estar muito próximos e às vezes muito distantes. Esse foi um primeiro eixo, que mais tarde eu chamaria de imanência-transcendência. Eu via também que o movimento para mim era um problema. Eu ficava deitado tanto tempo que esquecia como se fazia para andar. Sem contar que, inúmeras vezes, eu vestia as duas pernas dentro do mesmo cano do pijama. Então, o movimento e a velocidade também foram um problema, porque eu começava a mover-me muito lentamente, sentia um peso desgraçado e via que, estando de pé, o negócio da vertical passava a ser vivenciado de uma outra maneira: como o peso opondo-se ao movimento. Já não era mais só imanência e transcendência, havia uma espécie de miniatura disso no movimento que ia para baixo e para cima.

Também a questão da velocidade: ao caminhar uma certa distância, poderia voltar pela mesma direção que viera, mas se levasse dois minutos para caminhar para frente, iria levar outros dois minutos para voltar. O movimento todo iria custar quatro minutos, ou seja, eu recuava no espaço, mas não recuava no tempo. Esse eixo temporal, de origem-fim, também me marcou muito.

O terceiro eixo, de natureza-sociedade — um assunto muito elaborado em ciências humanas, em torno do qual há muita discussão —, de alguma maneira

imitava em um terceiro plano a relação entre os dois outros eixos — o eixo de imanência-transcendência e o eixo de origem-fim —. A própria dialética de natureza e sociedade era, de certo modo, uma imitação desses dois eixos. O problema da natureza-sociedade surge das perguntas: por que as pessoas agem como elas agem? Por que são do jeito que são? Elas nasceram assim? Qual é a margem de manobra que temos para nos mudar? Esse foi um problema que para mim apareceu de maneira muito dramática quando com dez ou onze anos percebi que era um sujeito mortalmente tímido. Eu tinha recém-emergido do berço, por assim dizer. Eu não sabia nada da sociedade em torno. Do ponto de vista natural eu era uma pessoa como as outras, tinha o corpo igualzinho, mas tinha algo em mim que não funcionava como nos outros. Eles sabiam certos códigos que eu não sabia, que me eram completamente misteriosos. Lembro-me que por ingenuidade eu agia de maneira tal que as pessoas riam e eu não via nenhum motivo para rir. Então percebia que havia um código. Esse código não era fisicamente acessível, não era uma coisa que eu podia enxergar, mas que só existia porque estava no pensamento das pessoas, isto é, existia outro elemento além do condicionamento físico. Fisicamente, a essa altura, eu já estava bom, não tinha mais nada. Estava até em um processo de desenvolvimento físico extraordinário. Saía-me muito bem nos esportes e no atletismo. Nessas coisas eu me dava bem, mas mesmo assim ainda estava faltando alguma coisa. Percebi que no período em que eu estava na cama, pensando só em mim mesmo e nas minhas ideias, as pessoas tinham aprendido alguma coisa. Elas tinham convivido umas com as outras. Eu estava ali igual a um índio entre os civilizados.

O meu aprendizado e adaptação à sociedade humana foi um processo que tive de viver conscientemente, enquanto as pessoas tinham até esquecido de como elas tinham feito aquilo. Haviam aprendido logo na infância, **[1:30]** absorveram e esqueceram, isto é, passou para o piloto automático. Mas para mim nada era automático. Por exemplo, quando é que aquilo que você fala agrada ou desagrada uma pessoa? Quando é que você ofende uma pessoa sem perceber? Elas pareciam saber isso automaticamente e acertar sem dificuldades, mas para mim era um problema. Aos dez ou onze anos eu ainda tinha muito aquela ingenuidade de bebê que fala as coisas tal como vêm na cabeça. Na minha casa eu podia fazer isso, pois ninguém ligava para o que eu fazia — já estava moribundo mesmo, pouco importava. Não tinha capacidade para ofender ninguém.

Eu vivia esse contraste entre natureza e sociedade mais como um contraste entre corpo e sociedade. Meu corpo estava completamente adaptado para todas as tarefas próprias da minha idade, mas mentalmente eu não estava. Não digo “mentalmente” de modo geral, porque nas tarefas puramente intelectuais eu me saía mais ou menos tão bem quanto os outros. Mas o problema era a coisa da convivência humana, o senso das conveniências, do certo e do errado, da hierarquia — quem manda e quem obedece —, tudo isso para mim era de uma complicação imensa.

Graças a ter passado por esse processo consciente e tardiamente, acabei entendendo muita coisa da sociedade humana que esse pessoal não entendia mais. Eles sabiam manipular na prática, mas não tinham consciência, por assim

dizer, teorética de como as coisas funcionavam. Lembro-me, por exemplo, que estudava em um colégio tradicional antigo, o Colégio Estadual de São Paulo. Depois o colégio foi fundido com outro, um colégio municipal que era uma esculhambação total, e os professores velhos de nosso colégio foram todos embora. Na transição aconteceu uma série de problemas de convivência. Então, com quatorze anos escrevi uma análise daquilo. A análise estava correta e era uma perfeição de sociologia. Tanto que a diretora do colégio chamou-me para pedir explicações e perguntou o que eu achava que devia ser feito. Eu disse que não sabia: eu havia conseguido explicar o que estava acontecendo, mas não sabia o que devia ser feito. Era uma situação muito engraçada: eu era um moleque e, inclusive, um mau aluno. A partir do terceiro ano do ginásio havia decidido que não iria aprender mais nada. Havia encerrado, não queria mais saber. O que eu quisesse saber descobriria na biblioteca municipal, não na escola. Era um mau aluno e ao mesmo tempo conselheiro da diretoria. Isso era outra situação de uma ambiguidade tremenda, que me fazia pensar mais ainda.

Também os problemas de convivência com as garotas era muito difícil. Estudávamos em horários separados. Havia um muro de separação, mas como eu estava no grêmio ficava o dia inteiro na escola, então tinha acesso ao público feminino, o que aos outros era negado. Era uma situação ao mesmo tempo privilegiada e apavorante, porque eram mais de mil garotas. Logo percebi que era impossível descobrir o que elas pensavam.

Tudo o que as pessoas aprendem naturalmente, e quase como numa linguagem não verbal, para mim teve de ser objeto de muita reflexão e pensamento. O problema da exclusão social, por exemplo: por que algumas pessoas eram bem aceitas e outras totalmente desprezadas sem motivo algum? Sempre, em toda classe, tinha o sujeito que era a vítima: todo mundo o desprezava e ria da cara dele. Graças a Deus isso nunca me aconteceu. Eu era muito popular no colégio, mas isso também me chamava muito a atenção. Eu tinha muita dó daqueles caras e era sempre o protetor dos excluídos, aqueles que eram considerados pessoas chatas. Eu dava muita atenção a eles. As pessoas não entendiam por que eu fazia isso e perguntavam por que eu era amigo deles. Eu também não sabia justificar isso. Foram muitas situações de aprendizado conflitivo.

Tudo isso, que fui condensar mais tarde sob esses três eixos, veio de experiências infantis que mostraram e revelaram para mim que tais experiências marcam-nos de uma maneira tão impressionante, que o simples fato de isso acontecer já me libertou desde o início de todo o subjetivismo ou solipsismo, porque eu via que nada disso vinha da minha cabeça. As estruturas que estavam na minha cabeça, eu as tinha absorvido do universo. As direções do espaço não estavam na minha cabeça. Na minha cabeça não tinha direção nenhuma do espaço. Era uma experiência física.

Acho que já contei para vocês a história das tartarugas. Eu tinha uma criação delas. Todo o Natal meu pai me dava uma tartaruga. Ele pintava a tartaruga, passava cola, enchia de purpurina, punha um lacinho e vinha aquele negócio brilhante andando. Eu tinha problemas pulmonares e havia uma mitologia que as

tartarugas eram boas para quem tem garotos com problemas pulmonares. Não sei por que. Nunca me beneficiei das tartarugas nesse sentido, mas me divertia um bocado com elas. Eu botava as tartarugas para nadar em um tanque e, como eu tinha miopia num olho e hipermetropia no outro, via as tartarugas de maneira completamente diferente. Esse também foi um problema epistemológico que surgiu logo: o mundo é como eu vejo com este olho ou como eu vejo com o outro? Fontenelle dizia que para ser filósofo você precisa ter uma boa inteligência e visão precária, porque isso cria problemas epistemológicos. Eu então colocava as tartarugas para nadar no tanque e ficava olhando: é de um jeito ou de outro? Mas eu via que por baixo da diferença entre o que aparecia em cada olho havia uma identidade de estrutura espacial. Os movimentos do espaço iam todos para a mesma direção. Só o que mudava era aparência mais visível, as qualidades secundárias como diria Bacon, mas a estrutura espacial continuava a mesma. Então cheguei à conclusão de que aquele era o mundo real. Não era algo que eu estivesse criando na minha cabeça, mas uma coisa que também se impunha. Quando as tartarugas iam para a direita não tinha jeito de eu vê-las indo para a esquerda. Eu podia subjetivamente mudar algo da aparência, mas tinha uma estrutura que ficava firme embaixo e as direções do espaço eram um elemento absolutamente fundamental dessa estrutura.

Notem que não foi uma intuição parecida com a de Descartes, que achou que as medidas matemáticas era o que havia de seguro no mundo, porque eu via que o senso de proporção também mudava. Somente as direções do espaço eram fixas. Nós estamos num espaço real. Não fomos nós que o criamos. Ao contrário, as estruturas dele penetram dentro de nós e nos orientamos por elas, não só espacialmente, mas catalogamos tudo nessas divisões e nesses antagonismos que depois se cruzam formando o eixo.

Muito mais tarde eu li o livro de Raymond Abellio, *A Estrutura Absoluta*. É um grande livro, embora enormemente confuso e, sob certos aspectos, inaceitável. Mas o autor teve a mesmíssima intuição e até a elaborou muito mais do que eu. Não elaborou nesses três eixos, mas usando a estrutura absoluta como a chave de praticamente todos os problemas, o que acho um exagero. Acho que isso responde a sua pergunta.

Aluno: Suponhamos que Deus permita a pessoa se enganar. Nesse caso ele não poderia estar permitindo que a pessoa possa aprender com o erro advindo desse engano?

Olavo: Não, porque você não aprende necessariamente com seus enganos. Ao contrário, um engano gera outro engano, que gera outro e outro. Se não fosse assim não existiria a neurose. Permitir que você se engane para que aprenda poderia ser uma estratégia pedagógica útil em certos casos e desastrosa em outros. Mas eu acho que dá meio a meio. Além disso, a pergunta está supondo ainda o mesmo critério de Descartes: Deus me engana ou não me engana? A pergunta não faz sentido. A relação do homem com Deus não é como a dele com outro ser humano que pode enganá-lo ou ser sincero com ele. O que seria a sinceridade de Deus para com você? Ele pode lhe revelar tudo o que Ele sabe?

Pode abrir todo o coração com você? Ele não pode fazer isso, porque não cabe. Por que Ele precisaria enganá-lo se seu próprio aparato cognitivo foi feito por Ele, com todas as limitações que já tem, e que já contém um coeficiente de limitação desde a criação do ser humano e de engano desde o pecado original?

Também há uma velha pergunta: será que Deus sabia que eles iriam cometer o pecado original? Parece que sim, mas daí você precisaria sondar os planos de Deus, uma coisa que fico tremendamente aliviado toda vez que percebo que não preciso fazer. Eu não preciso entender os planos de Deus. Isso não faz parte das minhas cogitações. Ao contrário, tenho minhas próprias perguntas, que não coincidem necessariamente com os conhecimentos fundamentais que Deus tem. Essas perguntas refletem minha ignorância e minha necessidade. Espero que Deus, de vez em quando, complemente o que estou sabendo, infundindo em mim algum conhecimento que eu não poderia obter por mim mesmo, e ele de fato faz isso. A ação do Espírito Santo, que sustenta o funcionamento da inteligência humana, é uma coisa que você pode verificar experimentalmente. Ao buscar alguma solução, **[1:40]** você fica um bom tempo com um problema na cabeça e num belo dia você acorda sabendo do negócio. Você não sonhou com nada, não viu nada e de repente aquilo tudo está claro para você. Você sabe que não foi você que fez aquilo. Também não tem sentido explicar aquilo pela atuação do inconsciente porque, por definição, o inconsciente é inconsciente: ele não está consciente de coisa nenhuma. Também não acredito na existência do inconsciente pessoal. Se uma parte de mim é inconsciente, ela não corresponde aos limites da minha pessoa. Ela está, por assim dizer, disseminada: tem elementos culturais, familiares, genéticos etc. Então eu não posso dizer que o inconsciente é meu. É uma parte coletiva que está dentro de mim.

Aluno: Com a aula de hoje e com o curso todo, o senhor espera que seus alunos um dia deem uma contribuição cultural ao Brasil, mais cedo ou mais tarde. (...)

Olavo: Espero.

Aluno: (...) Isso pode ser feito dentro do Brasil ou necessariamente tem de ser feito desde fora?

Olavo: Essa é uma pergunta muito boa, porque dia a dia a gente vê que a situação social, cultural e psicológica do Brasil está ficando mais opressiva. Cabe a cada um medir a sua capacidade de resistência a esse meio. Note que eu mesmo, que sempre tive uma capacidade muito grande para me isolar do ambiente e me fixar em outras coisas, cheguei ao meu limite. Com cinquenta e oito anos eu precisei sair do Brasil, porque ou ia para o exterior ou para o Pinel. Não havia terceira alternativa. Se bem que essa semana esteve aí o Eduardo Wolf, um cara que diz que é do conselho editorial da revista *Dicta & Contradicta*, mas não é coisa nenhuma, espalhando que eu fui internado em um manicômio com camisa de força e tudo. Infelizmente eu não fui, mas a essa altura, talvez se eu não tivesse saído do Brasil, precisaria urgentemente ser internado com camisa de força e tudo. Para evitar semelhante desatino eu saí. Realmente cheguei ao meu limite.

Precisa ver se as pessoas sentem o limite, porque essa degradação cultural e psicológica entra em nós. Não é uma coisa que está somente fora. Ela vai nos estragando por dentro e, às vezes, a gente não percebe. Quanto mais estragado se está, menos se percebe. Esse é um problema da mais alta gravidade sobre que todo mundo tem de pensar. Se você sente que está enfraquecendo, que não consegue reagir criativa e alegremente, a tristeza entrou em você, meu filho, e está na hora de sair. E para sair, vale tudo. Cada um tem de saber para onde vai. Acho que uma ação cultural no Brasil é mais fácil do exterior. A mim pelo menos se tornou muito mais fácil. É a famosa frase do Lênin: “As revoluções são feitas do exterior”.

Além disso, se você vem para os Estados Unidos, vê que o acesso que se tem a livros aqui é uma coisa monstruosa. A diferença de preço de livros, por exemplo, daqui para o Brasil, não dá para descrever. Para ter uma biblioteca dessas no Brasil, eu precisaria ser um milionário. Inclusive, muitos livros que eu tinha no Brasil, de que tive de me desfazer por causa da viagem ou por outros motivos, recomprei aqui por dez por cento do preço. Também há a possibilidade de contatos ou mesmo de estudo. Mesmo as escolas medíocres aqui não podem ser comparadas com as do Brasil — mesmo as escolas secundárias públicas. Vejo que os meninos aprenderam mais aqui em dois anos do que em todo o resto de suas vidas no Brasil. A diferença é quase de planeta.

Vamos supor que o sujeito vá para a Europa. Bom, a Europa está em decadência, a sociedade está ruim, mas todos os monumentos, igrejas, museus, palácios e castelos ainda estão lá. Você tem a presença física da civilização. Na França, na última vez em que estive lá, tinha um bando de garotos vietnamitas fazendo arruaça na rua, quebrando tudo. Era o besteirol espalhado por ali. O sujeito acabou de chegar e já está reclamando. Mas você olhava para o lado e lá estava a catedral do século IX. Isso está sempre presente. Não derrubaram ainda.

Aqui nos Estados Unidos você não tem isso, mas tem as marcas da história, ainda que não tão remotas e nobres. Acho que a primeira coisa que faz bem aqui é ver a beleza do lugar. Para onde você olha, praticamente só tem coisa bonita. As casinhas do povo, as mais modestas, são bem feitinhas, bonitinhas. Eles não deixam o negócio estragar. Claro que, de vez em quando, tem uns milionários malucos que fazem coisas horríveis. Tem um sujeito que fez uma cidade inteira pintada de xadrez, branco e preto. Ele é louco suficiente para implantar a sua feiura. Há um sujeito que fez sua casa em formato de banana. Mas não é a norma. O simples impacto visual de vir para cá ou ir para a Europa já é uma coisa que, se você estiver aberto para absorver, vai lhe fazer muito bem. Só que quando voltar para o Brasil você vai ficar deprimido.

Numa dessas viagens que fiz — nós tínhamos vindo de Washington até o sul da Virgínia para procurar a casa que iríamos comprar — só tinha coisa bonita. Depois voltei para o Brasil para resolver algumas coisas e fiz uma viagem de São Paulo a Santos. A primeira coisa que a gente vê é um minhocão que parava no meio — um minhocão inacabado de uma altura enorme, que estava assim há muitos

anos, e em volta tudo destruído. No trajeto inteiro só tinha devastação e feiura. Como é que as pessoas podem viver num treco desses? Como é que eu aguentei isso durante cinquenta e oito anos? As pessoas não entendem que isso faz mal? Não, elas não entendem, porque só estão preocupadas com aquele negócio da sobrevivência imediata. Tem de ter um emprego que o garanta. A situação é tão feia que as pessoas não querem nem subir na vida. Não têm a ousadia de pensar em subir na vida. No Brasil, se você encontra um cara que diz que vai ficar milionário, todo mundo pensa que ele é louco. Aqui tem milhões de pessoas que querem ficar milionárias e muitas delas conseguem. É isto aí: quem não está aguentando, tem de sair.

Transcrição: Jesimiel Gouveia, Jussara Reis, Rafael Correa de Melo e Rafael Augusto Salvi.
Revisão: Fabiano Rollim.